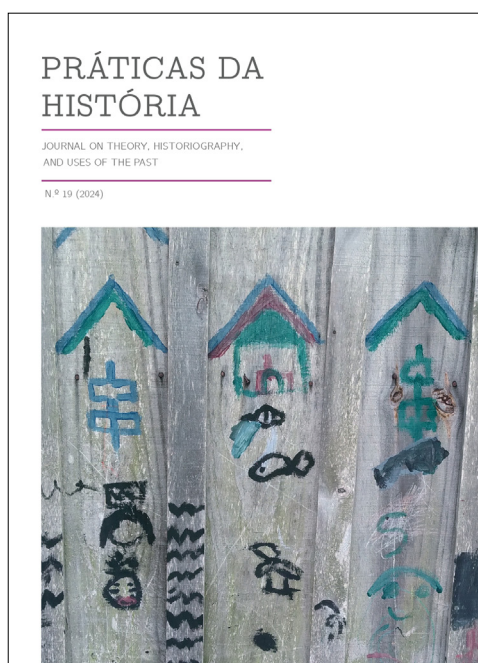




A coleção de futebol de mulheres do Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt (Porto Alegre, RS): quando a musealização proporciona experiências colaborativas

**Sibelle Barbosa da Silva e Vanessa
Barrozo Teixeira Aquino**

Práticas da História, n.º 19 (2024): 149-183

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 and LA/P/0132/2020.

**Sibelle Barbosa da Silva
e Vanessa Barrozo Teixeira Aquino**

**A coleção de futebol de mulheres do Museu do Grêmio
– Hermínio Bittencourt (Porto Alegre, RS): quando a
musealização proporciona experiências colaborativas**

O futebol no Brasil, além de ser uma prática esportiva, é também um fenômeno sociocultural. Uma parte considerável dos clubes, desde a primeira metade do século XX, possuem salas de troféus, memoriais e museus dedicados a apresentar narrativas comemorativas, voltadas, sobretudo, para o futebol de homens. Contudo, a formação das coleções e acervos clubísticos não contemplou uma série de perspectivas sobre os clubes e seus atletas, invisibilizando a participação das mulheres. Nesse sentido, o artigo apresenta os processos de musealização aplicados na coleção de futebol de mulheres do Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt, localizado em Porto Alegre (RS), através de um trabalho multidisciplinar que proporcionou dinâmicas de novas ações colaborativas do clube com as atletas, ex-atletas, torcedoras e pesquisadores da agremiação, mediadas pelo museu. Como resultado, esse processo colaborativo tem contribuído para sensibilizar e destacar a potência do museu como lugar e fonte de pesquisas, escuta e atuação social. Palavras-chave: processo de musealização; Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt; futebol de mulheres; museologia colaborativa.

**The Women's Football Collection at Grêmio Museum – Hermínio
Bittencourt (Porto Alegre, RS): When Musealization Provides
Collaborative Experiences**

In Brazil, soccer is not only a sporting practice but also a sociocultural phenomenon. Since the first half of the 20th century, a significant number of clubs have had trophy rooms, memorials, and museums dedicated to presenting celebratory narratives, primarily focused on men's soccer. However, the formation of club collections and archives has not included a range of perspectives on the clubs and their athletes, rendering women's participation invisible. In this context, the article presents the musealization processes applied to the women's soccer collection at the Grêmio Museum – Hermínio Bittencourt, located in Porto Alegre (RS), through a multidisciplinary effort that fostered new collaborative dynamics between the club and female athletes, former athletes, fans, and researchers associated with the institution, mediated by the museum. As a result, this collaborative process has contributed to raising awareness and highlighting the museum's potential as a space and source for research, dialogue, and social engagement.

Keywords: musealization process; Grêmio Museum – Hermínio Bittencourt; women's football; collaborative museology.

A coleção de futebol de mulheres do Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt (Porto Alegre, RS): quando a musealização proporciona experiências colaborativas

Sibelle Barbosa da Silva
e Vanessa Barrozo Teixeira Aquino*

1 – Um museu clubístico e seus múltiplos percursos de musealização

Com o passar dos anos, o futebol no Brasil ultrapassou as linhas dos gramados, tornando-se um verdadeiro fenômeno sociocultural, em que as disputas não se limitam às partidas, estendendo-se, também, ao âmbito simbólico. Pensando nessa modalidade esportiva como bem simbólico, o pesquisador Arlei Damo¹ propõe o conceito de “futebóis”, para destacar a pluralidade do esporte que vai além do modelo espetacularizado promovido pela mídia hegemônica. Embora o futebol profissional de homens tenha maior visibilidade, outros formatos coexistem, como o futebol de mulheres, dos indígenas, o de várzea, entre outros. Essa

Sibelle Barbosa da Silva (museu@gremio.net). <https://orcid.org/0009-0003-7819-8010>. Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt, Av. Padre Leopoldo Brentano, 110/2100, Humaitá Porto Alegre/RS – Brasil – CEP 90250-590 / 90251-903, Brasil; Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (vanessa.barrozo@ufrgs.br).  <https://orcid.org/0000-0003-3428-7428>. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Campus Saúde Brasil – Porto Alegre – RS – CEP 90.035-007. Artigo original: 1-04-2024; artigo revisto: 18-10-2024; aceite para publicação: 28-11-2024.

1 Arlei Sander Damo, “Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França” (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005).

diversidade de práticas carrega identidades e culturas sociais e locais, mostrando que o futebol abrange várias expressões culturais.

Nessa concepção, os clubes futebolísticos costumam dispor, em seus estádios ou centros de treinamento, de salas de troféus, memoriais e museus para exibir suas conquistas materializadas em troféus, medalhas, fotografias e diversos outros objetos que revelam as conquistas da agremiação. No entanto, esses espaços constantemente privilegiam a exposição de elementos que narram as conquistas do futebol de homens, desconsiderando, na maioria das vezes, a participação ativa das mulheres que praticaram e praticam essa modalidade.

Sendo assim, este artigo pretende apresentar e problematizar um estudo de caso realizado no Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt, que fica localizado no Estádio da Arena do Grêmio em Porto Alegre (RS)². Trata-se de um recorte de uma dissertação realizada no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa/UFRGS), que investigou a constituição e a musealização da coleção do futebol de mulheres deste museu³. Cabe salientar que o espaço museológico pesquisado tem como objetivo principal expor e pesquisar as conquistas do futebol de homens, mesmo que em seu passado clubístico diversas modalidades esportivas tenham existido, como remo, ciclismo, atletismo, xadrez, bolão, entre tantas outras. Nessa perspectiva, daremos destaque ao modo como ocorreu o processo de musealização da coleção de futebol de mulheres, criada em 2018, enfatizando a importância da interlocução com as atletas e ex-atletas do Grêmio, através do projeto *Narrando Histórias*⁴ (2017). Essa iniciativa uniu o

2 O estádio Arena do Grêmio fica localizado na zona norte de Porto Alegre, na Avenida Padre Leopoldo Brentano, 110, Bairro Farrapos.

3 Sibelle Barbosa Silva, “A presença do futebol de mulheres no Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt: a musealização de uma coleção” (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023).

4 O projeto foi criado em 2017, com a chegada da historiadora Bárbara Lauxen, que estruturou o setor de pesquisa histórica. O objetivo do projeto é evidenciar as memórias pessoais de participantes da história do Grêmio para constituir um acervo de depoimentos através de gravações de entrevistas em áudio e vídeo com recurso às metodologias da história oral. Essas gravações, por sua vez, são fontes que complementam a pesquisa histórica (documental e historiográfica), pois permitem a análise comparativa entre o conteúdo da entrevista e informações contidas em outras tipologias documentais, como o documento escrito e iconográfico, o audiovisual e o

setor museológico ao setor da pesquisa histórica, estabelecendo ações legítimas do que se compreende como museologia colaborativa⁵. Essas ações resultaram em uma significativa e contínua ação de pesquisa museológica, etapa essencial para o processo de musealização, que está em constante reconfiguração produzindo novos movimentos colaborativos entre o clube e as atletas, ex-atletas, torcedoras e pesquisadores do futebol, mediados pelo espaço museológico.

É significativo mencionar que a constituição de uma coleção específica voltada para o futebol de mulheres é resultado de uma série de exigências contemporâneas feitas aos clubes de futebol brasileiros frente a um necessário posicionamento sobre os casos de misoginia, racismo, homofobia e xenofobia que ocorrem nas arquibancadas dos estádios. Dessa forma, a partir de uma decisão curatorial da equipe do museu, em um movimento de diálogo com seus públicos, iniciou-se um processo para tentar visibilizar sujeitos que antes não tinham sido contemplados em suas exposições, como as atletas mulheres. Embora a nova exposição de longa duração, inaugurada em 2015, tenha contemplado, no formato de um grande painel, a história da Coligay (1977-1983), primeira e única torcida organizada composta de pessoas que se autodeclararam homossexuais, podemos supor, a partir desse fato, que o espaço museológico estava se encaminhando, ainda que paulatinamente, para ações de inclusão de grupos e coleções plurais.

Com a reativação do Departamento de Futebol Feminino, em 2017, houve a oportunidade de realizarmos uma pesquisa inicial e aplicada sobre o futebol de mulheres no Grêmio, pois o museu deveria fornecer

tridimensional. O projeto é dividido em seis eixos: Jogadores Veteranos; Futebol Masculino; Futebol Feminino; Dirigentes; Funcionários; e Diversos (atletas amadores, familiares de personalidades gremistas, pesquisadores, etc.). Foram realizadas pelo menos 15 entrevistas, não sabemos especificar o total, pois perdemos todo o material em um acidente que ocorreu nos servidores do Grêmio em 2019.

⁵ Lucille Maugez e Agnès Clerc-Renaud, “Uma experiência da museologia colaborativa: reflexões sobre as coleções etnográficas e a noção de museu”, *Museologia & Interdisciplinaridade* 10, n.º 19 (2021): 140-162; Marília Xavier Cury, “Narrativas museográficas e autorrepresentação indígena: a museologia colaborativa em construção”, *Revista de Antropología del Museo de Entre Ríos* 7, n.º 2 (2022): 73-82; Adriana Russi e Regina Abreu, “Museologia Colaborativa: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas”, *Horizontes Antropológicos* 25, n.º 53 (2019): 17-46.

ao setor de comunicação, através do seu setor de estatísticas, o número das atletas que chegavam ao clube. Na sequência, a historiadora do setor de pesquisa sugeriu que seria importante organizar e sistematizar as informações sobre as atletas, conversando e obtendo testemunhos através de entrevistas embasadas nas metodologias da história oral⁶. Dessa forma, ao iniciar essa atividade interdisciplinar entre setores da instituição, não se sabia a dimensão das proporções que o projeto tomaria, o que já evidenciava os primeiros passos da musealização de um acervo “desconhecido”.

Cabe salientar que o Museu do Grêmio, embora tenha sido oficialmente aberto ao público em 11 de dezembro de 1984, já desenvolvia movimentos de preservação da sua memória clubística desde a primeira metade do século XX, reunindo troféus, obras de arte, periódicos veiculados pelo Grêmio, relatórios internos do clube e atas administrativas. De acordo com relatórios produzidos pelo antigo historiador do espaço museológico, Raimundo Bordin, a história do museu tem início quando o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense obteve seu primeiro prêmio, o troféu *Wanderpreiss*, conquistado em 1906. Esse período, mencionado por Bordin, refere-se à primeira galeria de exibição das conquistas do Grêmio, nomeada Galeria de Prêmios e Objetos de Arte (1920-1958)⁷.

Conforme os troféus eram recebidos pelo clube, em virtude de algum título, esses artefatos eram expostos ao olhar e recebiam etiquetas de identificação. Esse primeiro espaço de exposição também recebia doações de seus sócios, como é destacado no “Diário” que pertenceu ao sócio Luiz Pinto Chaves Barcellos (Figura 1), objeto doado ao Museu do Grêmio em 2022 pelo seu bisneto Luiz Paulo Rodrigues Chaves Barcellos. A existência de tal espaço expositivo se comprovou não só

6 De acordo com Verena Alberti, “o trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa”. A metodologia seguida pelo Museu do Grêmio é a gravação das entrevistas, seguida da transcrição, da leitura do texto pelo interlocutor e, por fim, o acesso total da entrevista pelos pesquisadores. Verena Alberti, *Ouvir contar: textos em História Oral* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004), 78.

7 Raimundo Bordin, *A verdadeira história do Grêmio: complementos & suplementos* (Porto Alegre: Grêmio, 2000).

pelas memórias de Luiz Chaves Barcellos, documentadas em seu diário, mas também através de notícias na imprensa local, como o *Correio do Povo*, jornal de circulação popular na capital gaúcha que, já em 1924, divulgava mostras com as relíquias do Grêmio nas vitrines de livrarias da cidade.



Figura 1. Página do diário de Luiz Chaves Barcellos contendo a reportagem que destaca a doação à Galeria de Prêmios e Objetos de Arte. Fonte: Acervo do Museu do Grêmio.

No intuito de historicizar as muitas histórias e memórias vinculadas ao Museu do Grêmio, identificou-se a existência do Museu Tricolor (1959-1982). Essa configuração institucional é citada em inúmeras fontes do clube, como a *Revista do Grêmio* (1959), em reportagens, em relatórios de eventos (1962), em fotografias do próprio espaço e em um relatório de gestão do Presidente do Grêmio na época, Flávio Obino (1971), que formalizou institucionalmente o setor e indicou “Ramiro Bernd” como primeiro diretor.

Na década de 1980, o clube organizou a chamada Sala de Troféus (1984-1987) (Figura 2), reunindo, em um primeiro momento, todos os

troféus e taças do Grêmio. As vitrines eram separadas por modalidade esportiva e continham todos os prêmios, fossem eles da categoria masculina ou feminina, como é realizada a separação de gênero no esporte de forma geral. Devido ao sucesso de público, a Sala de Troféus passou por uma ampliação para a inclusão de réplicas dos primeiros uniformes de futebol, foram acrescentados painéis com fotografias e textos apresentando números, entre outros dados. Portanto, devido à ampliação do espaço expositivo, a diretoria alterou novamente a nomenclatura do lugar, que se tornou Museu da História do Grêmio (1988-1999).



Figura 2. Solenidade de inauguração da Sala de Troféus em 1984.

Fonte: Acervo do Museu do Grêmio.

É significativo pontuar que os museus clubísticos integram uma tipologia muito específica no campo dos museus e adquiriram outras perspectivas museais ao longo do tempo, já que enfrentam o constante desafio de manterem seus acervos e exposições atualizadas, especialmente nas mostras de longa duração. Como o futebol é um esporte que está em contínuo movimento, torna-se necessário revisitar e atualizar informações em suas salas de troféus, museus e memoriais ao longo da temporada, caso o clube conquiste um novo título. Nesses casos, é necessário incluir novos objetos, como troféus, corrigir as estatísticas e incluir os ou as atletas que fizeram parte do campeonato, garantindo

que a exposição esteja sempre em sincronia com a história recente do clube e com as requisições dos públicos⁸.

Com o Museu do Grêmio não foi diferente. Em 1999, o museu foi fechado novamente para reformas⁹, embora continuasse atendendo de forma remota o público externo de pesquisadores, informando principalmente dados de estatísticas do clube. O espaço reabre após alguns anos, com uma nova nomenclatura, passando a denominar-se Memorial Hermínio Bittencourt (2004-2012). A justificativa para o uso do termo “Memorial” foi em razão da equipe de profissionais da época, que acreditava que o termo “memorial” daria um tom mais moderno para a instituição, visto que a palavra “museu” era considerada ultrapassada¹⁰. Já a homenagem a Hermínio Bittencourt justifica-se por toda sua trajetória no clube, tendo ele sido um dos dirigentes que criou o espaço enquanto presidente do Grêmio, em 1968.

Cabe salientar que, em 2008, quatro anos após a reconfiguração do Memorial do Grêmio, foi criado o Museu do Futebol (SP)¹¹, importante instituição museológica que visa reunir as muitas histórias do esporte no país. Assim como ocorreu no Grêmio, no Museu do Futebol de São Paulo também se observou um tipo de conduta semelhante por parte de seus criadores, que entendem os museus como espaços estáticos, lugar de coisas velhas, um mausoléu¹². Porém, o que se observou, ao longo da trajetória do espaço museológico, foi uma expansão de abor-

8 Daniela Alfonsi e Clara Azevedo, “A patrimonialização do futebol: notas sobre o Museu do Futebol”, *Revista de História: São Paulo* 163 (jul.-dez. 2010): 275-292.

9 O museu foi fechado para reformas devido ao volume de itens adicionados às coleções, em razão do período frutífero em títulos locais, nacionais e internacionais que o Grêmio conquistou com as modalidades esportivas ativas, especialmente o futebol de homens. A reestruturação dessa época do museu seria, nesse sentido, para incorporar a história recente da agremiação.

10 Cabe destacar um projeto de pesquisa desenvolvido, em 1987, pelo museólogo e professor Mário Chagas (UNIRIO), realizado em diversos pontos da cidade do Rio de Janeiro com 341 pessoas participantes, de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, que foram questionadas sobre o significado do termo “museu”. Alguns dos termos mais associados, naquele momento, foram os de passado, coisas antigas e velharias. Uma das premissas dos museus contemporâneos é estabelecer conexões e diálogos entre o passado, o presente e o futuro, visando garantir a função social dessas instituições culturais em um mundo cada vez mais plural e diverso. Mário Chagas, “Museu: coisa velha, coisa antiga”, *Cadernos de Pesquisa* (1987): 1-20.

11 Para saber mais, acesse: <https://museudofutebol.org.br/>.

12 Daniela Alfonsi, “Réplicas originais: um estudo sobre futebol nos museus” (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2017).

dagens, que antes contavam apenas a história do futebol de homens, para progressivamente incluir discursos ausentes, como o das mulheres que atuaram no futebol, a partir da pioneira exposição colaborativa “Visibilidade para o Futebol Feminino” (2015).

Em 2012, o Museu do Grêmio, então Memorial, localizado no Olímpico Monumental, foi fechado devido à mudança de estádio, saindo da zona sul da capital para a nova Arena do Grêmio localizada na zona norte, quase no limite com a cidade de Canoas. Essa última configuração, agora nomeada como Museu do Grêmio, é uma das mais complexas da trajetória do espaço, com destaque para a exposição de longa duração, que foi inaugurada em 2012 com apenas 50% de seus espaços expositivos previstos concluídos, tendo sido aberta à visitação em dezembro de 2015. Dentro desse contexto de nova reconfiguração do museu, iremos apresentar e analisar a inclusão das mulheres na exposição de longa duração e sua relação com a criação de uma coleção específica voltada ao futebol de mulheres e o seu processo de musealização em uma perspectiva colaborativa e contemporânea.

2 – Coleção sobre futebol de mulheres no Museu do Grêmio: processos de objetos (in)visibilizados & (re)valorizados

Em uma tarde de primavera de novembro de 2017, o Museu do Grêmio recebeu, no seu espaço, quatro atletas mulheres do recém-reativado Departamento de Futebol Feminino do Grêmio. O objetivo da visita era que as atletas convidadas compartilhassem seus testemunhos sobre suas atuações profissionais no futebol para o projeto “Narrando Histórias”, criado naquele ano pela historiadora do Museu do Grêmio, Bárbara Lauxen. Entre elas, uma atleta em particular, a zagueira Aline de Borba Fermino¹³, trouxe consigo fotografias e medalhas que materia-

¹³ Aline de Borba Fermino, conforme seu relato, nasceu na cidade de Sapucaia do Sul no dia 1 de julho de 1983. Atuou como atleta do Grêmio entre os anos de 1997 e 2001 e era apelidada como “Ninja”. Como ela era um dos destaques do time, também foi uma das profissionais convocadas pela Seleção Brasileira. Pelo Grêmio foi campeã com vários títulos, sendo os mais importantes os Campeonatos Gaúchos de 2000 e 2001. Retornou ao clube em 2017 com a reativação do Departamento de Futebol Feminino, mas sua atuação foi breve e seu contrato se encerrou em dezembro do mesmo ano.

lizavam suas memórias e evidenciavam suas lutas, alegrias e momentos compartilhados ao lado de outras companheiras de profissão. As medalhas significam mais que um título conquistado, são vestígios materiais, objetos biográficos¹⁴ de uma mulher que dedicou sua vida à prática do futebol, ambiente que sempre questionou a sua presença. A partir desse episódio, a equipe reconheceu a necessidade de acolher as vivências pessoais de tantas atletas, ainda marginalizadas e esquecidas no meio do futebol, dentro do espaço museológico.

É significativo destacar que esse silenciamento e exclusão das mulheres nos acervos e narrativas dos museus de clubes também está relacionado a um contexto histórico, social, cultural e político que baniu as mulheres brasileiras dos esportes durante muitos anos. Trata-se do Decreto-Lei n.º 3199, de 14 de abril de 1941, promulgado pelo então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, cuja revogação ocorreu somente em 1979, e, ainda assim, as mulheres não podiam se profissionalizar na área¹⁵. Depois de muitos anos de resistência e resiliência das mulheres futebolistas, de todas as regiões do Brasil, elas conquistaram a regulamentação definitiva da prática em 1983.

Nesse contexto, podemos observar que os inúmeros obstáculos enfrentados pelas mulheres na luta pelo direito a se apropriarem dos esportes têm reflexo não apenas na prática, mas também na representação simbólica de suas participações em competições e conquistas. O apagamento de um passado que comprova a existência dessas mulheres praticando futebol é visto como algo intencional e uma forma de aniquilação simbólica¹⁶. Reativar essas histórias e memórias, por meio dos museus, é um ato de conferir visibilidade e reparação histórica da atuação dessas

14 Igor Kopytoff, “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”, in *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*, ed. Arjun Appadurai (Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008), 89-121; Thierry Bonnot, “Itinerário biográfico de uma garrafa de sidra”, in *Museus e patrimônio: experiências e devires*, org. Manuela Maria Duarte Cândido e Carolina Ruoso (Recife: Fundação Joaquim Nabuco e Editora Massangana, 2015), 121-151; Olivia Silva Nery, “Objetos: pontes de memória, passado e presente”, in *Objetos, memória e identidade: os objetos biográficos de Lyuba Duprat* (Rio Grande: Editora da FURG, 2020), 23-45.

15 Brasil, Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941 (Brasília: Presidência da República, 1941).

16 Museu da UFRGS, “Mulheres na REMAM: diálogo entre Silvana Goellner e Daniela Pava-ni”, Youtube, 11 de março de 2021, <https://www.youtube.com/watch?v=qfVklwPFSKw>.

mulheres no meio do futebol. Trata-se, portanto, de um movimento inserido na pauta decolonial das instituições culturais contemporâneas¹⁷.

Dessa forma, ao narrar o episódio envolvendo a atleta Aline, compreendemos as atividades museológicas e os processos de musealização como potentes ferramentas para ressignificar práticas que ocorrem nos museus. Entre elas, o protagonismo da pesquisa museológica como etapa importante da cadeia operatória da museologia, inserida em uma perspectiva colaborativa, a partir dos diálogos estabelecidos e construídos com as atletas do futebol feminino do Grêmio. É válido mencionar que os casos de museologia colaborativa ocorrem com mais frequência nos últimos anos, especialmente nos museus de antropologia e de arqueologia em experiências de trocas com os povos indígenas, como exemplificado pela museóloga Marília Xavier Cury ao trabalhar em conjunto com os povos originários no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE – USP), através de ações museológicas e museográficas de curadoria compartilhada na construção de uma política de gestão dos acervos:

Todos aqueles que participam da curadoria, porque contribuem com a musealidade, são curadores. Os curadores são os agentes do processo, quais seriam *à priori*: 1. Os profissionais do museu – todos os envolvidos: arqueólogos, antropólogos, museólogos, educadores, conservadores, documentalistas, arquitetos, etc. 2. Os visitantes do museu. 3. Os *constituents* – de quem se fala no museu, os integrantes das culturas relacionadas ao museu. Neste texto, os povos originários no Brasil. 4. Os encantados que, desde a espiritualidade indígena, fazem suas contribuições, especialmente por meio dos pajés¹⁸.

17 Françoise Vergès, *Descolonizar o museu: programa de desordem absoluta* (São Paulo: Ubu Editora, 2023).

18 Marília Xavier Cury, “Metamuseologia – reflexidade sobre a tríade museália, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena”, *Revista Museologia e Interdisciplinaridade do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília* 9, n.º 17 (2020): 139-140.

Nesse contexto, a colaboração das esportistas vai além de narrar as suas histórias e auxiliar na identificação de outras atletas em imagens ou na correção/complementação de informações na documentação museológica. No museu, elas têm autonomia para definir quais objetos as representam nas exposições, o que facilita um diálogo direto mais próximo com os públicos. Tais ações revelam um movimento contínuo de museologia colaborativa com as jogadoras e ex-jogadoras.

A exposição é a ponta do iceberg que é o processo de musealização, é a parte que visualmente se manifesta para o público e a grande possibilidade de experiência poética por meio do patrimônio cultural. É, ainda, a grande chance dos museus de se apresentarem para a sociedade e afirmarem sua missão institucional¹⁹.

Entretanto, como havíamos destacado, o Museu do Grêmio na Arena apresenta especificidades em relação às suas versões anteriores. Desde a primeira versão oficial do espaço museológico de 1984 até seu fechamento para reformas em 1999, havia ainda a exibição e um espaço para os prêmios conquistados pelas mulheres, ainda que fossem em outros esportes, como o atletismo. Existem, também, três atletas laureadas²⁰ pelo clube: Ilse Gerdau, em 1956, Íris dos Santos e Norma Rigon, em 1962, que estavam presentes nesses espaços expositivos localizados na antiga sede do clube. Com o passar dos anos e as transformações do museu, as mulheres foram “saindo de cena” e, conseqüentemente, caindo

19 Marília Xavier Cury, *Exposição: concepção, montagem e avaliação* (São Paulo: Annablume, 2005).

20 Conforme o Estatuto do Grêmio (2020), podem ser indicados como atletas laureados o esportista sócio que esteja em atividade no Grêmio e que possua um desempenho desportivo considerado notável. O título está previsto no artigo 9.º da Seção I, do Capítulo II, do Estatuto Social do Grêmio. Atualmente, para ser candidato à láurea, o atleta deve ser vinculado há pelo menos oito anos ininterruptos ao Grêmio. Entretanto, devemos chamar a atenção para o fato que, dos 65 atletas laureados, apenas três são mulheres. Ainda que o fator para obter o título seja os anos de permanência no clube, devemos nos perguntar: por que as mulheres não conseguiram permanecer mais tempo praticando esportes e usufruindo desse espaço? Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, *Estatuto social do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense* (Porto Alegre: Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, 2020).

no esquecimento, conforme mostram as fotografias de exposições produzidas em diferentes períodos no Museu do Grêmio. A priorização do futebol de homens tornou-se cada vez mais evidente à medida que foi se transformando em um esporte de espetáculo e consumo²¹. Sobre isso podemos destacar, por exemplo, que, na estrutura administrativa do Grêmio, o museu está vinculado ao setor de Marketing. Nessa condição, podemos supor que o espaço deveria colaborar de alguma forma com a arrecadação e a sustentabilidade financeira da agremiação, mantendo ativa na memória coletiva as realizações do futebol, espetacularizado com projeções midiáticas e, nesse caso, o futebol de homens adquiriu maior destaque na contemporaneidade.

Nesse sentido, podemos perceber que, com as discontinuidades dos esportes amadores²² praticados no Grêmio, as peças que representavam as mulheres e outras modalidades esportivas acabaram sendo retiradas do rol da história clubística. Também devemos levar em consideração que entre os anos de 2000 e 2003 o museu estava fechado para reformas de ampliação, no mesmo período das vitórias importantes do futebol de mulheres no clube. Embora o futebol de mulheres estivesse fornecendo resultados, o departamento foi encerrado em 2003 com a intenção de conter custos, pois o Grêmio atravessava uma crise financeira interna que culminou em sua queda para a série B do Campeonato Brasileiro em 2004. Isso nos leva a constatar que vários clubes brasileiros, em momentos de instabilidade financeira, tendem a reduzir ou encerrar as atividades do futebol de mulheres em suas estruturas²³, impactando

21 Damo, “Do dom à profissão”; Gilmar Mascarenhas, “Encontros e desencontros na cidade: a reinvenção do estádio de futebol”, in *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*, org. Elcio Cornelsen, Günther Augustin e Silvio Ricardo da Silva, vol. 2 (Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017), 77-96.

22 Os esportes amadores eram praticados no Grêmio por sócios e sócias que utilizavam o espaço do clube para a realização de diversas modalidades e a participação em competições de nível local, estadual, nacional e internacional. Essas atletas representavam o distintivo do Grêmio, mas não recebiam remuneração pela prática esportiva que era realizada de forma abnegada.

23 Sobre esse aspecto, a Ata 04, do dia 04.02.2003, da Diretoria do Grêmio, decidiu por unanimidade suprimir as despesas do Departamento de Futebol de Mulheres. Foi acordado a substituição do departamento, encerrando as contratações das atletas pela escolinha, pois, assim, se exoneraria qualquer despesa e manteria uma escola para fins somente de recreação. Atualmente, essa situação segue ocorrendo conforme matéria veiculada pelo *Globo Esporte*, sobre o retrocesso vivenciado pelas atletas do clube Ceará Sporting Club em 2024, na qual diz o título do artigo “Campeão em 2022, não irá disputar série A2 do Brasileiro Feminino para focar

diretamente no desenvolvimento do setor e ampliando as desproporções entre a atividade exercida pelos homens e pelas mulheres, pois o futebol de homens é visto no mercado como a única modalidade que oferece retorno financeiro rápido e efetivo. Todavia, o futebol de mulheres no Brasil também se tornou uma necessidade para o futebol de homens, por meio de exigências de órgãos que balizam a participação dos clubes em campeonatos nacionais e internacionais. Logo, em 2017, o Grêmio reativou o Departamento de Futebol Feminino do clube e, desde então, diversos movimentos significativos de ampliação da presença das mulheres têm acontecido.

2.1 – (Re) descobrindo histórias: a formação da coleção de futebol de mulheres no Museu do Grêmio

Com a reativação do Departamento de Futebol Feminino, o museu percebeu, nessa iniciativa, a oportunidade de dar visibilidade ao futebol de mulheres. A partir do projeto “Narrando Histórias” e dos testemunhos das atletas, muitas lacunas sobre a presença das mulheres na história do futebol do clube foram sendo preenchidas, indicando, inclusive, que essa categoria no Grêmio teve início nos anos 1980, informação que a equipe até então desconhecia. Vale ressaltar que, através dessas entrevistas, tornaram-se evidentes as inúmeras dificuldades vivenciadas pelas atletas para conseguirem se dedicar ao esporte como profissão.

Diante desse cenário, a equipe presenciou um episódio específico, em 2019, que suscitou uma série de reflexões sobre a relevância das mulheres nas narrativas do clube. Essa situação se deu a partir da doação do primeiro objeto que marca esse retorno do futebol de mulheres ao Grêmio, o Troféu de Campeãs do Campeonato Gaúcho de 2018. Ao dar entrada no acervo, a peça recebeu o tratamento técnico necessário e houve o entendimento de que o objeto seguiria para a exposição de longa duração, por todo o seu apelo simbólico no âmbito das conquistas

no masculino”. Reportagem completa no link: <https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/2024/03/05/campeao-em-2022-ceara-nao-ira-disputar-serie-a2-do-brasileiro-feminino-para-focar-no-masculino.ghtml>. Acesso em março de 2024. Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, “Ata 004 da diretoria do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense”, 2003.

do clube. Porém, isso não ocorreu, já que alguns diretores solicitaram a vitrine confeccionada para o troféu das campeãs para a inclusão de outros objetos oriundos da conquista do futebol profissional de homens, como o título da Libertadores da América de 2017. Todavia, após um longo diálogo, essa divergência foi superada e a equipe do museu conseguiu incluir o troféu do “Gauchão” de 2018 na exposição de longa duração (Figura 3). É importante destacar que, com todos esses movimentos e posturas, também ficou claro que as mulheres, além de enfrentarem um descaso constante no seu cotidiano para praticar o futebol, também passam por constantes tentativas de apagamento histórico de suas conquistas, como se estas fossem algo sem relevância.



Figura 3. Troféu do Campeonato Gaúcho de 2018. Fonte: Acervo Museu do Grêmio.
Fotografia de Luciano Amoretti.

Portanto, precisamos compreender que o silenciamento das memórias das mulheres parte de uma construção social e que esse problema se estende aos museus²⁴ e a outros lugares de memória, provocando uma sequência, em “divisões simbólicas dos sexos”²⁵. Também ficou

24 Michelle Perrot, “Práticas da memória feminina”, *Revista Traverse* 40 (1989): 18-27.

25 Perrot, “Práticas da memória feminina”, 19.

evidente que, se não houvesse mulheres na equipe para questionar essa decisão inicial, talvez o Museu do Grêmio não tivesse dado esse passo de incluir esse prêmio na mostra. São episódios como esse que evidenciam o quanto não existe neutralidade quando falamos em museus e exposições; trata-se de um espaço de poder, arena de disputas políticas constantes²⁶.

A partir dessa sequência de fatos e tomadas de decisões da equipe do museu, teve início um processo de busca na coleção de troféus que estavam localizados em um depósito na Arena, onde constam, aproximadamente, 3500 peças subdivididas em modalidades esportivas que o Grêmio já praticou, inclusive futebol de homens. Todos esses objetos estão aguardando a sua musealização, para que sejam devidamente tratados e possam ser comunicados, principalmente através de exposições. A sala do depósito é ampla, não possui estantes nem janelas, os troféus e taças estão todos acondicionados no pavimento, embalados em plástico bolha, para proteção, com uma etiqueta fixada na parte superior de cada item, identificando a modalidade esportiva à qual pertence. Foi nessa imensidão de artefatos que foram localizados os primeiros objetos que tinham como identificação fixada na embalagem de plástico bolha “futebol feminino”; portanto, a crença inicial era que ali estavam todos os prêmios do futebol de mulheres do Grêmio. A partir dessa ação específica, foi elaborado um primeiro arrolamento dessa coleção, com a finalidade de identificar os títulos da modalidade e associá-los aos troféus e aos documentos arquivísticos encontrados, pois essas informações foram imediatamente compartilhadas com as jornalistas do setor de comunicação. No entanto, devido ao cotidiano carregado de atividades e demandas diversas, a pesquisa foi sendo realizada paulatinamente e, como o museu ainda não possuía uma reserva técnica adequada, os troféus permaneceram no depósito aguardando o devido tratamento técnico.

Após esse primeiro movimento de prospecção para se entender o contexto geral dos artefatos disponíveis no acervo, houve uma pausa

26 Mário Chagas, *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade* (Chapecó: Argos, 2006).

na pesquisa, a qual foi retomada em 2020, desta vez apenas por parte d museóloga da instituição, que trabalhou de forma isolada, visto que ainda era o período de distanciamento social devido à pandemia de covid-19. Dessa forma, foi localizada uma documentação com descrição sequencial, elaborada pelas equipes anteriores ao Museu do Grêmio instalado na Arena, na qual descobriu-se que os troféus do futebol de mulheres estavam diluídos na vastidão do depósito. Ou seja, além dos troféus mapeados, como mencionámos anteriormente, havia muitos outros “perdidos” naquele local.

Dessa maneira, esse arrolamento dos objetos permitiu, através dos números dos troféus, sair em busca dos artefatos. Porém, essa documentação evidenciou outras dificuldades, como a falta de detalhes de cada item, pois só havia um número e o título do campeonato do qual adveio o prêmio. Essa condição de falta de documentação museológica afeta não apenas os museus de clubes, mas também inúmeras instituições brasileiras. É válido salientar que a documentação é uma das etapas mais importantes do processo de musealização, pois “isto se dá porque a musealização é mais do que a entrada de objetos em museus, quando são registrados em documentação museológica: ela é também um processo dinâmico e nunca acabado, nunca estático”²⁷. Logo, como explica a pesquisadora, cada movimento do objeto no museu, ou em outros museus, quando emprestados ou transferidos, por exemplo, deve ser documentado, ou seja, esse processo é dinâmico e vivo. Essa ação evidencia como os artefatos são compartilhados socialmente e correspondem à escrita da sua própria trajetória depois de adentrar o acervo de um museu.

Nesse contexto de diagnóstico, investigação e mapeamento, aos poucos os troféus foram sendo encontrados e identificados, e eram prontamente encaminhados para os procedimentos básicos de conservação preventiva (higienização, acondicionamento e armazenamento) quando chegavam na sala de processamento técnico. Podemos entender, como

27 Ana Lourdes Costa, Ivan Coelho Sá e Bruno Brulon Soares, “Uma construção biográfica do vestido de Maria Bonita: musealização, remusealização e gênero”, *Anais do Museu Histórico Nacional* 55 (2021): 12.

abordado por Bruno Brulon Soares²⁸, que esses foram passos para a musealização desses objetos que antes estavam em estado de indefinição e que, a partir da sua potência museal, aliada às ações de pesquisa museológica, culminaram na salvaguarda necessária, com base nas suas especificidades materiais, com procedimentos característicos do campo de atuação. Nessa perspectiva, os museus devem estar em constante processo de questionamento e reflexão sobre suas ações cotidianas nesse jogo das identidades em disputa, “a ação transformadora dos museus começa pela reflexão nova que eles fazem sobre si mesmos”²⁹. A autocrítica é necessária, pois, assim, esses lugares, ao se questionarem frequentemente, abrem espaço para um maior envolvimento e diálogo com seus públicos, numa perspectiva de crítica e avaliação institucional. Nessa conjuntura, a partir das premissas de Waldisa Guarnieri, o conceito de musealização deve ser compreendido para além das ações de comunicação museológica, afinal, a musealização:

acarreta uma valorização, uma ênfase sobre certos objetos. A musealização repousa em pesquisas prévias, na seleção dos objetos, na documentação, na direção, na administração, conservação e, eventualmente, na restauração. Essa musealização recobre, portanto, ações muito diferentes que dependem de domínios científicos muito diversos³⁰.

De início, já podemos notar que a musealização dos objetos é um movimento, uma ação contínua, fundamentada no ato da pesquisa permanente. É visível como todos esses pesquisadores trazem a pesquisa para pensar esses conceitos no âmbito da museologia. Ao considerar essa perspectiva, é importante enfatizar o pensamento que agrega a essa di-

28 Bruno Brulon Soares, “Passagens da Museologia: a musealização como caminho”, *Revista Museologia e Patrimônio* 11, n.º 2 (2018): 189-209.

29 Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, “A interdisciplinaridade em Museologia (1981)”, in *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*, org. Maria Cristina de Oliveira Bruno (São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010), 123-126.

30 Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, “Presença dos museus no panorama político-científico-cultural (1989)”, in *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri*, 125.

nâmica a atribuição de valor aos objetos como algo subjetivo/cognitivo conforme as escolhas dos sujeitos inseridos em um determinado grupo e, até mesmo, o olhar dos profissionais diante desses objetos³¹. Em consonância com essa reflexão, podemos destacar Bruno Brulon Soares³² que reitera: “Musealizar é materializar, é dar matéria ao pensamento, e produzir musealidade é uma prática política que implica a criação de uma significação positiva, nas vitrines dos museus e nas sociedades que os concebem,” Podemos conjecturar, a partir dessa afirmação, que os processos museais estão sempre em negociações e disputas, desde a entrada dos objetos no museu, sua classificação, sua conservação e sua escolha, ou não, para comporem a narrativa das exposições.

Nesse contexto específico da constituição de uma nova coleção no Museu do Grêmio, também convém salientar que os museus promovem, em certa medida, um processo de “restauração” desses vestígios ao voltarem a fazerem sentido para os públicos e grupos, por isso, conforme a pesquisadora, “eventualmente de «reciclagem» proposta a essa mesma sociedade que descartou esses bens, de modo a que recuperem suas funções primárias, secundárias, simbólicas e significativas, muitas vezes re-funcionalizadas”³³. Trazendo essas considerações para o caso analisado neste artigo, entendemos que houve esse processo de “re-introdução” da coleção de troféus de futebol de mulheres no cotidiano do museu. Outra pesquisadora que trabalha com um tema semelhante ao nosso é Ana Lourdes Costa, que problematiza, em sua dissertação, a construção biográfica do vestido de Maria Bonita no Museu Histórico Nacional (MHN), utilizando o conceito de “remusealização”, pois o vestido em questão passou por diferentes processos dentro do MHN, tendo sido quase descartado do acervo:

31 Ana Paula Rocha e Bruno Brulon Soares, “Discutindo a musealidade ou «em meio a tantos gases lacrimogênicos ficam calmos»”, *XXIV Encontro do ICOFOM LAM* (2018): 169-194.

32 Bruno Brulon Soares, “Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus”, *Anais do Museu Paulista* 28 (2020): 23.

33 Maria de Lourdes Parreira Horta, “O «link» (ou relação) das coisas com os objetos, com os sujeitos, com os documentos, com o museu e o que isso tudo quer dizer”, *Mouseion: Canoas* 19 (dez. 2014): 49.

A sala não apresentava condições para garantir a segurança dos objetos menores, como o vestido de acervo têxtil e, por isso, ainda mais frágil que outros tipos de objetos musealizados. Ao considerarmos que um objeto museológico precisa passar por cuidados como a conservação preventiva, que envolve um bom acondicionamento em ambiente próprio, podemos chegar à conclusão que o vestido de Maria Bonita, na sala 111, não passava pelos cuidados necessários para continuar sendo um objeto musealizado. Para além dessas questões, entendemos que os processos de musealização pelos quais passa um objeto musealizado são diversos e podem se conectar e influenciar outros processos presentes em museus, a exemplo de exposições, pesquisas, publicações, ou outras maneiras de participação na cadeia operatória de musealização. Por isso, quando ficou na sala 111 já não era mais passível de ser selecionado para comunicar, no Museu Histórico Nacional, a sua existência. Entretanto, quando foi identificado e retirado da referida sala, voltou a fazer parte dessas possibilidades de musealização. Ou seja, quando retomou seu *status* de objeto musealizado, foi remusealizado, o que inclui o fato de voltar a receber os cuidados de conservação, necessários a um objeto têxtil, e passou a fazer parte, em diferentes momentos, de duas exposições de longa duração³⁴.

Nessa conjuntura, as abordagens de observação empírica são úteis para a construção do campo da museologia, auxiliando na percepção da quase intangível musealidade, que confere valor simbólico aos objetos. Essa valoração integra o processo de musealização desde o princípio, uma concepção que estará presente em todo o sistema de pesquisa envolvido do início ao fim desses procedimentos museológicos e museográficos. Percebemos, no relato da pesquisadora, que os objetos, sem contexto, perdem o valor

34 Ana Lourdes de Aguiar Costa, “Biografando o vestido de Maria Bonita do Museu Histórico Nacional: musealização e questões de gênero” (Dissertação de mestrado, UNIRIO/MAST, 2021), 17.

documental. Sobre isso, ela acrescenta: “O que estou dizendo é que musealizar ou remusealizar são processos sempre imbuídos de valores”³⁵.

A partir dessa linha de trabalho, dentro de uma cadeia operatória prática e teórica da museologia, a equipe compreendeu a necessidade de agregar mais informações e novos objetos para a coleção e, por isso, logo houve a retomada do projeto “Narrando Histórias”, visando estabelecer diálogos diretos com as atletas e ex-atletas do Grêmio.

Nesse processo, entram em cena duas ex-atletas que trouxeram outros elementos para consolidar o trabalho desenvolvido pela equipe do museu, que foram Karina Balestra e Marianita Nascimento. Karina Balestra, a artilheira com mais gols da história recente do Grêmio, foi inserida no time com a reativação do Departamento de Futebol Feminino em 2017 e atuou pelo clube até 2020, quando se aposentou. Ela foi uma das atletas que colaborou com o pedido de doação de objetos pessoais para a composição de mais itens para a coleção em processo de criação, pois até aquele momento tínhamos apenas os troféus da modalidade. Nesse sentido, em novembro de 2020, Karina efetuou uma significativa doação ao Museu do Grêmio de dois objetos do seu acervo pessoal, uma chuteira e uma braçadeira (Figura 4).



Figura 4. Detalhes dos objetos de Karina Balestra, 2020.
Fonte: Acervo do Museu do Grêmio. Fotografia: Sibelle Barbosa da Silva.

35 Costa, Sá e Soares, “Uma construção biográfica do vestido de Maria Bonita”, 18.

Aproveitando a sua presença na instituição, foi realizada uma entrevista com dezessete perguntas pré-definidas, a fim de agregar mais informações sobre sua trajetória profissional e sobre os objetos recém-doados. As informações biográficas da atleta são importantes, pois o primeiro passo para uma pesquisa de futebol de mulheres é buscar entender quem são esses sujeitos que atuaram profissionalmente pelo clube e como esse trabalho obteve reconhecimento em outras etapas da sua vida. Os museus de clubes sistematizam os dados sobre os atletas do futebol de homens, mas raramente o mesmo tratamento é realizado com o futebol de mulheres. Existe a falta dos nomes completos, apelidos de jogo, período de atuação, clube anterior e posterior da atleta, ou seja, existe uma lacuna na catalogação de dados da jogadora. Vale ressaltar que essas informações são importantes para agregar na documentação museológica desses objetos³⁶. A interlocução com a atleta beneficiou não apenas o projeto de história oral do Museu do Grêmio, bem como contribuiu para a contextualização da história dos objetos doados e as relações afetivas que ela estabeleceu com cada um dos artefatos ao longo de sua construção biográfica. Outro ponto interessante é que a ex-atleta, ao doar seus objetos, depositou no museu a confiança de que seus pertences seriam preservados adequadamente, além de manifestar o desejo de reencontrar os objetos em futuras exposições organizadas pelo Museu do Grêmio.

A relevância dessa doação foi além do esperado, pois, a partir dessa aproximação com a atleta, foram identificadas as lacunas que deveríamos preencher a longo prazo, particularmente no acervo tridimensional, que ainda carece de objetos. Nas palavras de José Neves Bittencourt (2005), sobre como é importante a pesquisa prévia dos objetos nas coleções, com a finalidade de entender quais lacunas se apresentam nos acervos, ele afirma que:

36 Ao dialogarmos com Karina, ela nos relatou que nasceu na cidade de Cachoeirinha (RS), em 1982, aos 14 anos ingressou na escolinha do Sport Club Internacional e logo passou a compor o time profissional com 15 anos, onde conquistou títulos. Foi convocada para a Seleção Brasileira em 2001 e em 2003 foi campeã dos Jogos Pan-Americanos realizados na República Dominicana, jogou ao lado de Formiga, Cristiane e Marta. Atuou ainda em grandes clubes como o Corinthians e o Ferroviária em São Paulo. Sua carreira internacional ocorreu em um clube sul-coreano entre os anos de 2010 e 2013.

Qualquer recolhimento implica em uma sistemática: identificação, contato, registro, tratamento técnico. Mas digamos de outra forma: algum doador contata a instituição, oferece o objeto, a instituição o aceita, registra, dá um mínimo tratamento de informação (o que nem sempre é possível, dependendo das condições de incorporação) e o deixa lá dentro. Esse é o recolhedor passivo. A instituição museológica assume a postura de não apenas ser procurada, eventualmente, por eventuais doadores, como também de não exercer a menor crítica sobre o objeto que está sendo oferecido. Apenas o aceita³⁷.

Essas observações levantadas pelo pesquisador são importantes, ao passo que esse comportamento é normalizado nos museus de clubes, ou seja, a falta de contexto histórico e simbólico sobre os objetos aceitos acaba por suscitar a perda de informações e/ou extravio/perda de acesso físico do objeto/documento dentro do próprio acervo, ocasionando, assim, sua consequente dissociação³⁸. Desse modo, a pesquisa museológica, no Museu do Grêmio, está sendo conduzida através do cruzamento de dados entre os documentos arquivísticos e museológicos, oferecendo resultados satisfatórios, com o acréscimo de informações aos objetos e coleções que antes tinham apenas uma identificação parcial. Nesse sentido, entendemos a ação da pesquisa museológica como um estímulo propulsor do processo de musealização, fazendo essa cadeia de atividades estar sempre em movimento. Nessa perspectiva, “a musealização não faz a comunicação museológica enfatizando determinados objetos, pelo contrário, repousa sobre a pesquisa prévia, a seleção dos objetos em si, na documentação, gestão, administração, conservação e eventualmente no restauro”³⁹.

37 José Neves Bittencourt, “A pesquisa como cultura institucional: objetos, política, aquisição e identidades”, in *Museu Instituição de Pesquisa* (Rio de Janeiro, RJ: MAST, 2005), 42.

38 Renata Cardozo Padilha, *Documentação museológica e gestão de acervo* (Florianópolis: FCC, 2014).

39 Vânia Maria Siqueira e Tereza Cristina Scheiner, “Museu, musealidade e musealização: termos em construção e expansão”, *Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICO-FOM LAM 2012* (nov. 2012): 65.

Após esses movimentos de pré-organização da coleção e retomada das entrevistas, foi possível avançar para a pesquisa, adensando o *corpus* documental museológico com a documentação arquivística do museu, à procura de vestígios nas clípagens de 1983, a fim de identificar se de fato existiu um time de futebol de mulheres no Grêmio naquela época. Surpreendentemente, mesmo com poucas reportagens, foram identificados alguns nomes e informações das semifinais e finais entre Grêmio e Internacional pelo Campeonato Gaúcho de 1983, o primeiro campeonato organizado oficialmente no Rio Grande do Sul. O interessante é que nem sempre essas matérias aparecem no espaço reservado aos esportes, mas em breves notas e em informações gerais. Por isso, é fundamental realizar a pesquisa em todas as páginas do jornal, pois algumas matérias podem estar localizadas em outras seções. Cabe mencionar que essa frequência de pesquisa detalhada, até então, era apenas dada ao futebol profissional de homens.

Após o contato com a pesquisa em jornais de 1983, a equipe do museu foi apresentada à diretora regional consular de São Paulo, Andrea Ladvig, que trabalhava voluntariamente no clube pelo reconhecimento e por melhores condições de prática do futebol de mulheres no Grêmio. Através da mediação de Andrea, consolidou-se a oportunidade de realizar uma entrevista preliminar, em abril de 2021, com uma das pioneiras do Grêmio, Marianita da Silva Nascimento (Figura 5). A partir da entrevista, ficou ainda mais evidente a história de vida singular dessa ex-atleta e suas emoções sobre esse capítulo de sua trajetória⁴⁰. Por meio da iniciativa do museu e da colaboração intensa da atleta, foi possível compreender não só aspectos de sua biografia, mas também

40 Em seu primeiro relato, Marianita Nascimento revelou que nasceu na cidade de Porto Alegre (RS) em 1960. Quando criança, foi inspirada pelo irmão mais velho para jogar futebol, Deco Nascimento, que atualmente é conselheiro do Grêmio, assim como o pai deles, Aymoré Nascimento, que atuou como jurista em Porto Alegre. Marianita iniciou sua carreira no futebol ainda jogando de forma amadora e treinando nos campos do Parque Marinha do Brasil. Ela foi responsável por fundar a primeira equipe no Grêmio em 1980 e a equipe de 1983, obtendo uma sala para preparar os treinos e depositar seus pertences e os das suas companheiras de time. As condições para jogar eram precárias, mas nada disso fez Marianita desistir do seu sonho de praticar futebol. Ela e outras atletas foram as pioneiras que abriram espaço para que atualmente as mulheres tenham acesso à modalidade, prática ainda muito invisibilizada, assim como as histórias dessas mulheres tão importantes.

como a modalidade teve início no Grêmio. Ela corrigiu nomes, posições das atletas que saíram incorretas nas matérias jornalísticas, dificuldades, desafios e citou os presidentes da agremiação que as apoiaram para que a equipe pudesse treinar. Marianita destacou, também, o nome de um vereador de Porto Alegre que a ajudou nesse processo político pela regulamentação da profissão, Valdir Fraga. Vale lembrar que, na época em que Marianita jogava, no final dos anos de 1970, a modalidade não era oficialmente reconhecida no Brasil e, como as jogadoras não tinham direitos trabalhistas nem acesso a competições oficiais, ela se destacou como uma das vozes que se levantaram em defesa do regulamento da modalidade, lutando por melhores condições para as atletas de sua equipe e, conseqüentemente, dos times do Brasil. Portanto, devido aos esforços de Marianita e de inúmeras outras atletas de todas as regiões do Brasil, o futebol de mulheres no país foi finalmente regulamentado em 1983, permitindo, assim, que jogadoras fossem registradas e pudessem participar de competições oficiais.



Figura 5. Recorte do Jornal *Zero Hora* de 1983 com destaque para uma imagem de Marianita. Fonte: Acervo do Museu do Grêmio. *Zero Hora*, domingo, 10 de julho de 1983, p. 56.

Todavia, Marianita não seguiu a sua carreira como atleta de futebol de mulheres em 1983. Devido às mudanças em sua vida profissional, ela se tornou treinadora de meninos, afastando-se do futebol de mulheres. Portanto, seu retorno ao cotidiano do Grêmio, ao restabelecer esse contato através do Museu, trouxe à tona inúmeras memórias individuais e coletivas

que agregaram novos significados ao acervo e ao próprio Museu do Grêmio. É importante ressaltar que Marianita não guardou fotografias ou objetos da época em que foi jogadora, mas isso não a impediu de sentir o desejo de doar algo seu para o Museu. Assim, em setembro de 2022, após uma noite singular para ela e para todas as mulheres gremistas, na qual foi a primeira ex-atleta a proferir um discurso de abertura das festividades de aniversário da agremiação diante dos membros do Conselho Deliberativo do Grêmio, Marianita fez sua primeira doação ao Museu do Grêmio. Na ocasião, entregou à equipe uma camiseta personalizada do seu acervo pessoal (Figura 6).



Figura 6. Marianita realizando a doação de sua camiseta ao museu (2022).
Fonte: Acervo do Museu do Grêmio – Flickr do Grêmio. Fotografia: Morgana Schuh.

A peça não fez parte da sua história na década de 1980, mas a ex-atleta viu nesse ato simbólico o marco de seu retorno ao clube. É interessante observar que a ação de doar sua camiseta ao museu vai além de entregar uma peça de vestuário que pertenceu à ex-atleta, trata-se, também, de um símbolo da luta das mulheres por espaço no futebol, um esporte historicamente dominado por homens. Tal fato nos remete à reflexão de Peter Stallybrass⁴¹ sobre o papel simbólico das roupas em nossas vidas. Para o autor, “as roupas têm uma vida própria: elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais”.

41 Peter Stallybrass, *O casaco de Marx: roupa, memória e dor* (São Paulo: Editora Autêntica, 2004), 38.

Essa camiseta, um elemento da cultura material que carrega um significado imaterial, não pelo uso ou pela materialidade em si, mas por ser um objeto simbólico, capaz de estabelecer conexões entre passado, presente e futuro, foi doada ao museu com o objetivo de documentar um momento, perpetuar uma narrativa pessoal e preservar histórias de vida repletas de significados e de camadas simbólicas. Depois de receber a doação do objeto, o passo seguinte foi a aplicação dos procedimentos museográficos à peça, desde a coleta de dados básicos e conservação preventiva até sua inclusão na exposição de longa duração, ao lado de outros objetos da mesma coleção. Em seguida, ao término do tratamento técnico da peça, a equipe projetou a entrada da camiseta na exposição, após a data de aniversário de Marianita, em novembro de 2022. Para tanto, foi solicitado seu autógrafo na camiseta, prática comum para todos os objetos desta tipologia, para posterior inclusão do objeto na exposição de longa duração. Nessa conjuntura, a comunicação museológica, parte importante do processo de musealização, foi efetivada e continua acontecendo. Esses movimentos só foram possíveis mediante a compreensão do necessário diálogo com as protagonistas da história do clube e sua sensibilização e engajamento com o museu através de uma perspectiva colaborativa de pensar e fazer museologia no mundo contemporâneo.

3 – Desdobramentos da musealização: ações colaborativas para um museu contemporâneo

Ao refletir sobre as ações museológicas e museográficas desenvolvidas até o momento e sobre as perspectivas futuras de um museu de clube que busca contemplar outras narrativas de forma colaborativa, é importante destacar a atenção necessária a cada etapa do processo de musealização dos objetos que deve manter-se ativo e dinâmico. Nessa linha, as ações de pesquisa museológica evidenciam o seu potencial para a consolidação da criação da Coleção do Futebol de Mulheres. Ao promover uma aproximação direta com os documentos arquivísticos, bibliográficos e museológicos do Grêmio, foi possível descobrir várias atletas, gestoras e torcedoras que também fizeram parte da história do

clube. Nesse sentido, o projeto foi ampliado, adquirindo novos contornos que deram origem a um eixo de pesquisa denominado “Mulheres no Grêmio” (2022) subdividido, inicialmente, em três linhas de investigação: atletas, dirigentes e torcedoras. Recentemente, a equipe incluiu a linha voltada para as funcionárias, que contempla as memórias de inúmeras colaboradoras que narram a sua participação na construção administrativa do clube.

É significativo analisar o processo de musealização de uma coleção específica, voltada ao futebol de mulheres, como um ato de quebra de paradigmas até então produzidos pela instituição. A inserção do primeiro troféu na exposição de longa duração do Museu do Grêmio, após argumentações e negociações, consolida-se como um primeiro indício de subversão da ordem estabelecida, ou seja, uma tentativa de romper com uma história oficial contada por homens, que destaca outros homens como heróis, trazendo seus objetos e seus dados estatísticos que privilegiam sempre suas conquistas⁴². Nessa lógica, a partir da inclusão da pauta das mulheres na narrativa da exposição, mesmo que ainda seguindo moldes celebrativos de conquistas, foi possível estabelecer outros diálogos e conexões entre museu e público, abrindo espaço para novas formas de contar a história, que vão além de resultados e troféus, revelando também as resistências, lutas e invisibilidades das atletas mulheres.

Nessa perspectiva, um movimento que merece destaque, originado de projetos específicos do Museu do Grêmio, é o reconhecimento que o clube tem dado gradativamente às atletas pioneiras, especialmente à primeira capitã e fundadora do primeiro time de mulheres do Grêmio (1980), Marianita da Silva Nascimento. Ela foi a primeira mulher, após cento e dezenove anos de história, a proferir um discurso de abertura da solenidade de aniversário do Grêmio perante os integrantes do Conselho Deliberativo do Clube. Com seu retorno ao cotidiano da agremiação, a ex-atleta vem conquistando cada vez mais espaço, sendo convidada para campanhas de combate ao racismo, já que, como mulher negra, ela

42 Hilário Franco Júnior, “Futebol, sociedade, cultura: apontamentos a título de conclusão”, in *Futebol, objeto das ciências humanas*, org. Flavio de Campos e Daniela Alfonsi (São Paulo: Leya, 2014), 366-383.

é um símbolo de resistência numa época em que o futebol feminino sequer era permitido. Nesse sentido, Marianita tem se firmado como uma figura inspiradora e como uma liderança para as atletas mais jovens.

Em 2023, na semana de festividades de comemoração do aniversário do Grêmio, o futebol de mulheres foi citado nos discursos do então presidente Alberto Guerra, culminando com a inclusão da fotografia do primeiro time de mulheres do clube nos *banners* festivos posicionados em lugar de destaque ao redor do estádio. Essa ação, que pode parecer modesta, é, na verdade, significativa, pois, até pouco tempo atrás, algo dessa relevância não aconteceria, devido ao desconhecimento interno sobre as atletas do passado gremista. Ainda no mesmo ano, em novembro, Marianita assume, ao lado de Karina Balestra (Figura 7), a direção do Departamento de Futebol Feminino, fato também inédito na história do clube, com duas mulheres liderando o setor.



Figura 7. Marianita Nascimento e Karina Balestra assumindo a direção do Departamento de Futebol Feminino em 2023. Fonte: Acervo do Museu do Grêmio – Flickr do Grêmio.
Fotografia: Morgana Schuh.

Alguns dias após esse acontecimento histórico na trajetória do futebol de mulheres do clube, foi organizado um evento pelo museu e pelo Departamento de Marketing, voltado às pioneiras do primeiro time de 1983. Elas foram homenageadas antes de um dos jogos mais importantes do ano. Com a Arena do Grêmio lotada, elas foram aclamadas

pela torcida, com seus nomes divulgados e anunciados no telão do estádio. Cada uma delas recebeu das mãos do presidente uma camiseta personalizada com seus nomes fixados no verso da peça. Em seguida, assistiram à partida entre Grêmio x Corinthians da Tribuna de Honra dos conselheiros do clube. No mesmo dia, algumas delas, como Dione Webber, Márcia Macalão e Sílvia Fattori, visitaram o museu (Figura 8) e conheceram mais detalhes da pesquisa desenvolvida pela equipe do espaço museológico.



Figura 8. Visita ao museu das pioneiras Dione (esquerda) e Sílvia (meio) e Márcia (na direita). Fonte: Acervo do Museu do Grêmio. Fotografias: Sibelle Barbosa da Silva.

Por fim, esse episódio despertou novas conexões, afetos e reencontros para as ex-atletas, seus familiares e a equipe técnica do museu. Para a torcida, a ação é importante, pois devolve a essas as mulheres o protagonismo, movimento endossado pelo clube, o que é significativo, já que simbolicamente reforça, no imaginário das torcidas, que essas ex-atletas também fazem parte da história clubística. Ainda sobre a homenagem, o evento obteve um destaque importante na mídia nacional como a página Dibradoras, que compartilhou o vídeo realizado pela comunicação do Grêmio. A filmagem alcançou quase 56 mil visualizações⁴³ em 24 horas, algo impressionante para um clube do Sul do Brasil.

43 Dibradoras, “*Reconhecimento*”, Instagram Reels, 14 de novembro de 2023, <https://www.instagram.com/p/Czo-tIkPIDX/>.

Uma ação que teve início recentemente no clube, e que agrega muitos sentidos ao processo de musealização vivo e dinâmico da coleção de futebol de mulheres, é a inclusão, através das diretoras do Departamento, Marianita e Karina, de um procedimento interno do setor para as novas atletas que, acompanhadas das veteranas, realizam visitas ao museu e conhecem o projeto de pesquisa da instituição com o objetivo de compreenderem como ocorre o trabalho de bastidores da instituição e, sobretudo, as escolhas e as novas perspectivas para os objetos que integram as exposições (Figura 9).



Figura 9. A atleta Daniela Ortolan observando os objetos que estavam na reserva técnica do Museu do Grêmio em 2024. Fonte: Acervo do Museu do Grêmio – *Flickr* do Grêmio. Fotografia: Morgana Schuh.

Nesse contexto, podemos dizer que o movimento de musealização, sobretudo no campo da pesquisa museológica, tem repercutido para além do espaço do museu e vem assumindo lugares entre a torcida gremista e a agremiação. Atualmente, a Coleção de Futebol de Mulheres reúne trinta e cinco troféus, uma chuteira, uma braçadeira, cinco camisetas, quatro medalhas e três quadros. Ela continua em expansão conforme mais prêmios são conquistados e novos objetos de acervos pessoais e familiares são doados.

A exposição de longa duração, que iniciou esse processo de apresentação/reflexão sobre o futebol de mulheres com apenas um objeto,

o troféu de campeãs do Campeonato Gaúcho de 2018, passou a exibir cinco peças na vitrine destaque da entrada do museu. São notáveis as diferentes interações com os visitantes por meio das ações de mediação no espaço expositivo, interlocuções e questionamentos diversos que possibilitam transformar esses artefatos em objetos de diálogo⁴⁴.

Com base nessa experiência museológica colaborativa vivenciada no Museu do Grêmio, este estudo de caso levanta uma importante questão: os museus de clubes de futebol, lugares que podem ser considerados tradicionais, também conseguem desenvolver e realizar ações em diálogo com seus públicos e propor o debate de temas e problemas contemporâneos. É notável como uma equipe composta por profissionais especializados, com capacidade técnica e científica, pode identificar silenciamentos e ausências no âmbito dos acervos. A partir dessas iniciativas, buscou-se agregar as histórias do futebol de mulheres no Grêmio, propondo novas formas de pensar e compreender o passado no tempo presente, com perspectivas voltadas para o futuro.

Certamente, outros movimentos de cunho decolonial ainda são necessários. No entanto, trata-se de um “pontapé inicial” que visa, sobretudo, não reproduzir os mesmos discursos que definem as histórias do futebol de homens. Nesse processo, que segue ativo, almeja-se evidenciar o papel social do museu como agente de transformação social, para além do seu espaço físico, ampliando as vozes das mulheres atletas e garantindo suas presenças em lugares de protagonismo, tanto dentro quanto fora do clube. Portanto, vale destacar que se considera, a médio e longo prazo, ampliar as ações com a Coleção de Futebol de Mulheres e abrir espaço para incluir outras temáticas que precisam de debate no museu, como os casos de racismo, homofobia e gentrificação no entorno e no interior do estádio.

Em síntese, o exercício de escuta com os públicos e a participação ativa e respeitosa das atletas são essenciais para dar seguimento aos projetos que evidenciam a função do Museu do Grêmio e dos museus na

44 Maria Cristina Oliveira Bruno, “Museus de empresa: princípios, problemas e perspectivas”, *Cadernos de Sociomuseologia* 10 (1997): 43-46.

contemporaneidade. É possível afirmar que as ações específicas voltadas à criação de uma determinada coleção têm promovido uma relação simbólica desses objetos com os públicos, como a percepção da inclusão das mulheres nesse espaço museológico como protagonistas de suas histórias, tendo como mediador o museu e suas interlocutoras, de forma a garantir um movimento de reparação histórica no âmbito da própria trajetória do clube. Nesse sentido, o Museu do Grêmio se apresenta como um espaço voltado para as memórias do esporte, que tem buscado exercer de forma ativa e dinâmica seu papel cultural e político na sociedade e que pretende dar continuidade aos seus projetos, visando fortalecer esse processo de cidadania e representatividade em parceria com seus públicos, de maneira cada vez mais diversificada e plural.

BIBLIOGRAFIA

Alberti, Verena. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Alfonsi, Daniela. “Réplicas originais: um estudo sobre futebol nos museus”. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2017.

Alfonsi, Daniela, e Clara Azevedo. “A patrimonialização do futebol: notas sobre o Museu do Futebol”. *Revista de História* 163 (jul.-dez. 2010): 275-292.

Bittencourt, José Neves. “A pesquisa como cultura institucional: objetos, política, aquisição e identidades”. In *Museu Instituição de Pesquisa*, editado por MAST, 37-50. Rio de Janeiro: MAST, 2005.

Bonnot, Thierry. “Itinerário biográfico de uma garrafa de sidra”. In *Museus e patrimônio: experiências e devires*, organizado por Manuelina Maria Duarte Cândido e Carolina Ruoso, 121-151. Recife: Fundação Joaquim Nabuco e Editora Massangana, 2015.

Bordin, Raimundo. *A verdadeira história do Grêmio: complementos & suplementos*. Porto Alegre: Grêmio, 2000.

Bruno, Maria Cristina Oliveira. “Museus de empresa: princípios, problemas e perspectivas”. *Cadernos de Sociomuseologia* 10 (1997): 43-46.

Chagas, Mário. “Museu: coisa velha, coisa antiga”. *Cadernos de Pesquisa* (1987): 1-20.

Chagas, Mário. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006.

Costa, Ana Lourdes de Aguiar. “Biografando o vestido de Maria Bonita do Museu Histórico Nacional: musealização e questões de gênero”. Dissertação de mestrado, UNIRIO/MAST, 2021.

Costa, Ana Lourdes de Aguiar, Ivan Coelho Sá, e Bruno Brulon Soares. “Uma construção biográfica do vestido de Maria Bonita: musealização, remusealização e gênero”. *Anais do Museu Histórico Nacional* 55 (2021): 1-27.

Cury, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

Cury, Marília Xavier. “Metamuseologia – reflexividade sobre a tríade museália, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena”. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília* 9, n.º 17 (2020): 129-146.

Cury, Marília Xavier. “Narrativas museográficas e autorrepresentação indígena: a museologia colaborativa em construção”. *Revista de Antropología del Museo de Entre Ríos* 7, n.º 2 (2022): 73-82.

Damo, Arlei Sander. “Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França”. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

Dibradoras. “Reconhecimento”. Instagram Reels, 14 de novembro de 2023. <https://www.instagram.com/p/Czo-tIkPIDX/>.

Franco Júnior, Hilário. “Futebol, sociedade, cultura: apontamentos a título de conclusão”. In *Futebol, objeto das ciências humanas*, organizado por Flavio de Campos e Daniela Alfonsi, 366-383. São Paulo: Leya, 2014.

Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. *Estatuto Social do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense*. Porto Alegre: Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, 2020.

Guarnieri, Waldisa Rússio Camargo. “A interdisciplinaridade em Museologia (1981)”. In *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*, organizado por Maria Cristina de Oliveira Bruno, 123-126. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

Guarnieri, Waldisa Rússio Camargo. “Presença dos museus no panorama político-científico-cultural (1989)”. In *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*, organizado por Maria Cristina de Oliveira Bruno, 195-202. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

Horta, Maria de Lourdes Parreira. “O «link» (ou relação) das coisas com os objetos, com os sujeitos, com os documentos, com o museu e o que isso tudo quer dizer”. *Mouseion: Canoas* 19 (2014): 43-52.

Kopytoff, Igor. “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”. In *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*, editado por Arjun Appadurai, 89-121. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

Mascarenhas, Gilmar. “Encontros e desencontros na cidade: a reinvenção do estádio de futebol”. In *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*, organizado por Elcio Cornelsen, Günther Augustin e Silvio Ricardo da Silva, volume 2, 77-96. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017.

Maugez, Lucille, e Agnès Clerc-Renaud. “Uma experiência da museologia colaborativa: reflexões sobre as coleções etnográficas e a noção de museu”. *Museologia & Interdisciplinaridade* 10, n.º 19 (2021): 140-162.

Museu da UFRGS. “Mulheres na REMAM: diálogo entre Silvana Goellner e Daniela Pavan”. Youtube, 11 de março de 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=qfVklwPFSKw>.

Nery, Olivia Silva. “Objetos: pontes de memória, passado e presente”. In *Objetos, memória e identidade: os objetos biográficos de Lyuba Duprat*, 23-45. Rio Grande: Editora da FURG, 2020.

Padilha, Renata Cardozo. *Documentação museológica e gestão de acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.

Perrot, Michelle. “Práticas da memória feminina”. *Revista Traverse* 40 (1989): 18-27.

Rocha, Ana Paula, e Bruno Brulon Soares. “Discutindo a musealidade ou «em meio a tantos gases lacrimogêneos ficam calmos»”. *XXIV Encontro do ICOFOM LAM* (2018): 169-194.

Russi, Adriana, e Regina Abreu. “Museologia Colaborativa: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas”. *Horizontes Antropológicos* 25, n.º 53 (2019): 17-46.

Silva, Sibelle Barbosa. “A presença do futebol de mulheres no Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt: a musealização de uma coleção”. Dissertação de metrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.

Siqueira, Vânia Maria, e Tereza Cristina Scheiner. “Museu, musealidade e musealização: termos em construção e expansão”. *Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012* (2012): 52-66.

Soares, Bruno Brulon. “Passagens da museologia: a musealização como caminho”. *Revista Museologia e Patrimônio* 11, n.º 2 (2018): 189-209.

Soares, Bruno Brulon. “Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus”. *Anais do Museu Paulista* 28 (2020): 1-30.

Stallybrass, Peter. *O casaco de Marr: roupa, memória e dor*. São Paulo: Editora Autêntica, 2008.

Vergès, Françoise. *Descolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Referência para citação:

Silva, Sibelle Barbosa da, e Vanessa Barrozo Teixeira Aquino. “A coleção de futebol de mulheres do Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt (Porto Alegre, RS): quando a musealização proporciona experiências colaborativas”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 19 (2024): 149-183. <https://doi.org/10.48487/pdh.2024.n19.35918>.